



**INTERVENÇÃO DO ALMIRANTE
CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA
POR OCASIÃO DA
CONFERÊNCIA IDEIA 2022**

Escola Naval, 23 de fevereiro de 2022

Senhor Diretor-Geral de Política de Defesa Nacional

Senhor Almirante Vice-Chefe do Estado Maior da Armada,

Senhores Oficiais Gerais

Oficiais, Sargentos, Praças, Militarizados e Civis,

Distintos Convidados,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Gostaria de começar por saudar todos os que nos deram a honra de estar presentes nesta sessão de abertura, bem como, os que nos estão a acompanhar por videoconferência. Quero manifestar o meu profundo apreço pelo entusiasmo que possibilitou a realização da terceira conferência de inovação IDEIA, desta vez sob o tema: RELEVÂNCIA DO ESPAÇO PARA AS OPERAÇÕES MARÍTIMAS E A ECONOMIA AZUL.

I would like to thank Vice Admiral Keith Blount (NATO MARCOM) for his participation in this conference, which is a gesture of sympathy and institutional solidarity that we greatly appreciate.

É uma honra e uma oportunidade reunir, durante três dias, líderes, inovadores em tecnologia marinha e espacial, engenharia, ciência, inovação e educação.

A conferência IDEIA 2022 pretende focar-se na geração de *insights*, não só na promoção de soluções, mas também na identificação de problemas concretos que possam ser resolvidos através da inovação e tecnologia, alavancados pela colaboração em rede entre Defesa, Segurança, Academia e Indústria na procura de novas tecnologias e soluções disruptivas.

Portugal, como potência de pequena dimensão, opera dentro dos núcleos de poder a que está agregado usando as suas relações históricas, o mar e a língua como forma de adquirir um espaço de manobra e liberdade estratégica acrescidas. Apesar da sua dimensão relativa, Portugal não deverá abdicar de se projetar como ator internacional, com identidade própria, na prossecução dos seus fins escatológicos. Numa sociedade globalizada, onde a volatilidade e a imprevisibilidade se constituem como constantes das relações internacionais, só uma postura prospetiva, inteligente e adaptada pode servir os interesses nacionais.

A Marinha está ciente destes desafios. A Zona Económica Exclusiva de Portugal tem 1,6 milhões de Km², ou seja, 18 vezes a dimensão do nosso território nacional. Somos responsáveis por missões de busca e salvamento em nada menos que 5,7 milhões de quilómetros quadrados, uma área 62 vezes o nosso território nacional, fazendo fronteira com países distantes das Américas e da África.

Noventa e nove por cento (99%) dos dados internacionais e das comunicações pela internet são transmitidos através de cabos submarinos de comunicações estendidos no fundo dos oceanos, compondo uma grelha com centenas de milhares de quilómetros de extensão, onde os dados navegam em velocidades quase tão rápidas quanto a velocidade de luz.

Na nossa área de influência cruzam-se dados, matérias-primas, e produtos essenciais à economia ocidental, o que releva a importância geoestratégica do país.

É evidente que a economia portuguesa não é, ou não será, só mar, mas também é mar!

A relevância da criação de um “agregado” tecnológico-industrial-comercial-extrativo-energético ligado ao mar, bem como, a ocupação e o desenvolvimento efetivo da função económica, estratégica e política desse espaço – ou seja, da criação de uma economia azul integrada numa visão geoeconómica e geoestratégica mais geral do Estado.

Portugal tem atualmente os elementos fulcrais para o desenvolvimento de uma economia azul – tecnologia, conhecimento e oportunidades. A Marinha Portuguesa, pelas funções que desempenha, será sempre uma pedra estruturante da economia azul, mas poderá tornar-se, também, num forte catalisador económico e tecnológico.

Tenho a certeza de que todos partilhamos a perceção comum de que a Marinha Portuguesa pode e deve desempenhar um papel decisivo no desenvolvimento do conceito e na experimentação dos avanços tecnológicos que estão a mudar o mundo, tal como o conhecíamos.

O novo campo de batalha desenvolve-se em diferentes cenários: em terra, no mar, no ar e no espaço. Porém, um novo campo de batalha está a emergir – o espectro eletromagnético. Quem controlar o espectro eletromagnético poderá dominar a guerra da robotização e as comunicações com todas as consequências inerentes.

Esta é a razão pela qual as Forças Armadas em geral, e a Marinha Portuguesa, em particular, precisam de ser proativas para encontrar parceiros de confiança, tentando obter aplicações, hardware complexo, soluções de software críticas e serviços para superar os desafios enfrentados pelo ambiente espacial e marítimo. Os novos desafios obrigam-nos a encontrar redes em operadores de satélite e as melhores soluções de alta tecnologia para responder às nossas necessidades, na procura dos melhores resultados.

As operações no ambiente espacial, hoje em dia, são o novo normal. Todas as marinhas modernas estão a operar sistemas cada vez mais inovadores recorrendo ao ambiente e tecnologia espacial. O ambiente espacial e os satélites são estruturantes para a operação de sistemas que forneçam informações de posicionamento, navegação, comunicação, segurança e vigilância terrestre, ciência, exploração e meteorologia. Constatamos, sentimos no dia a dia, a relevância do espaço para as operações marítimas. É por isso que se deve incrementar a investigação e o investimento neste ambiente e nos equipamento e tecnologia que aqui operam.

Minhas senhoras e meus senhores,

A minha ambição como Chefe do Estado-Maior da Marinha é proporcionar a Portugal e ao povo português uma Marinha moderna. Uma Marinha que opera e faz uso dos cinco domínios: mar, terra, ar, espaço e ciberespaço.

A velocidade das alterações tecnológicas, das próprias ameaças e dos seus contextos, obriga a Marinha a encontrar no seu seio formas inovadoras de organização que permitam fomentar e multiplicar atitudes de inconformismo e de procura de novas soluções, através de processos de experimentação operacional que conduzam a técnicas, táticas e procedimentos disruptivos, criando um verdadeiro desequilíbrio favorável nas operações.

A inovação não acontecerá por decreto, mas sim mediante o fomento de uma cultura própria, onde prevaleça o inconformismo e a vontade de testar novas soluções.

A inovação só será alcançada se puderem coexistir em harmonia uma estrutura fortemente hierarquizada, tipicamente militar, e as comunidades de conhecimento e de interesses mais desestruturadas. Estas comunidades serão o verdadeiro motor da evolução, induzindo uma atitude de mudança e adaptação constante no seio da instituição. A associação das comunidades internas a entidades externas, ligadas à ciência e à investigação é nuclear a todo o processo de inovação. Esta ligação deve ser fortemente incentivada através de protocolos e parcerias, o que contribuirá também para a solidificação de um agrupamento (cluster) tecnológico-científico-económico naval nacional.

Este é o objetivo desta conferência IDEIA. Esta é a razão pela qual estamos aqui, hoje.

Ilustres convidados,

A Marinha deve assumir as funções operativas do Estado no mar, como forma de racionalizar os recursos nacionais, desempenhando as funções tradicionais das Marinhas de Guerra e das Guardas Costeiras, de acordo com um modelo pós-moderno de utilização do poder naval e marítimo, holístico, evitando qualquer forma de cegueira seletiva na sua ação. É este modelo que está na base da minha visão para a Marinha: “Uma Marinha pronta, útil e significativa, necessariamente holística, focada e tecnologicamente avançada”.

Para alcançar uma presença sustentada no mar, é necessário avançar para um oceano digital com milhões de sensores, sistemas tripulados e não tripulados e satélites, todos conectados para fornecer dados e conhecimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Isso pode ser fomentado por abordagens inovadoras para permitir a colaboração da Academia, Indústria e utilizadores finais, trabalhando juntos para acelerar o desenvolvimento de produtos e soluções, como sensores de baixo custo e novos protocolos de comunicação que permitem a coleta contínua de dados em tempo real e integração.

É minha firme convicção que esta conferência de alto nível estimulará a discussão e o compartilhamento de experiências e conhecimentos, de forma a fornecer novas e valiosas perspectivas sobre o papel que prevemos para as operações marítimas.

Que possamos alcançar todos os seus objetivos! Para isso temos que ter Força de Vontade, Tática e Tecnologia!

DISSE

Henrique Eduardo Passaláqua Gouveia e Melo

Almirante